

O SOCIÓLOGO E O HISTORIADOR¹

Kadma Marques Rodrigues²

O habitus não se confunde com o destino, como nós poderíamos pensar às vezes. Sendo o produto da história, é um sistema de disposições aberto, que é sem cessar confrontado com experiências novas e afetado por elas. Ele é durável, mas não imutável. (Réponses, 1992)

SH: Qual foi sua reação à morte de Pierre Bourdieu?

RC: A princípio fui tomado de emoção e tristeza. Foi surpreendente ver a amplitude de reações na imprensa, realmente muito rara, já que se trata do desaparecimento de um intelectual. Acho tais reações perfeitamente justificáveis, embora um pouco ambíguas, na medida em que, de tudo o que pude ler, uma parte importante dedicava-se a enfatizar seus engajamentos cívicos. Portanto, existe aí o risco de amenizar a importância intelectual, teórica e científica de sua obra.

Mais do que mencionar o que fez Pierre Bourdieu a partir de 1996, eu creio que essas reações deviam enfatizar a trajetória de uma obra e os instrumentos de análise os quais esse autor propôs, não só para pensar o mundo social que é o nosso, mas também aqueles do passado.

SH: Para o senhor, quais seriam os pontos fortes que caracterizam a genealogia de sua obra?

RC: Responder a esta questão implica também abordar as etapas de sua própria vida. Os leitores mais jovens podem ter sido surpreendidos por seus engajamentos políticos dos últimos tempos e seus livros mais abertamente polêmicos. Para mim, o primeiro momento

¹ Originalmente intitulado *Le sociologue et l'historien*, este artigo foi publicado na Revista *Sciences Humaines* (www.scienceshumaines.fr), em número especial (*L'oeuvre de Pierre Bourdieu*) difundido por ocasião da morte deste autor, em 2002 (p. 80-85). Nele Martine Fournier entrevista Roger Chartier, Diretor de Estudos na *École des Hautes Études em Sciences Sociales*.

² Kadma Marques Rodrigues é Doutora em Sociologia, Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Mídias Audiovisuais (LAMIA/GPDU) e professora no Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade (MAPPS), da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

marcante em sua trajetória se delineia com *Les Héritiers* e *La Reproduction* nos anos 60: o desmonte dos mecanismos do sistema escolar e universitário que ocupavam o centro de nossas preocupações. Eu citaria em seguida *La Distinction*, porque, por trás dessa construção fundamentada ao mesmo tempo sobre uma pesquisa estatística e uma conceptualização teórica, nós podemos encontrar a nós mesmos, em um momento ou outro do livro.

Le sens pratique constituiu para mim um aporte teórico fundamental sobre a lógica da prática, não redutível à lógica do discurso e particularmente do discurso erudito. Em seguida, como eu trabalho pessoalmente no domínio da história da literatura, da cultura, de produções escritas, eu citaria *Les Règles de l'art*, quer dizer toda a reflexão sobre a especificidade do campo cultural, e em particular literária.

Mas para mim o livro mais poderoso de Bourdieu é *Méditations pascaliennes*, porque nós encontramos aí toda a armadura teórica de Bourdieu, a qual teve lugar desde o começo de sua obra, mesmo que seus conceitos fundamentais – campo, *habitus*, prática – tenham sido nesse momento refinados; mas também é preciso considerar a ligação entre aquilo que Pascal situa sobre um registro teológico e que Bourdieu vincula ao mundo social e, sobretudo na última parte, toda uma reflexão sobre a morte, sobre o tempo... Nós encontramos páginas muito profundas, escritas em um estilo um pouco diferente daquele que nós criticamos às vezes em Bourdieu, isto é seus desdobramentos teóricos por meio de construções de frases que multiplicam os parênteses, o recurso a pronomes relativos, às oposições... Tal estilo corresponde de resto a certa complexidade do pensamento.

Eu citaria, por fim, *La Domination masculine*, sobre a qual mantivemos um diálogo na “*Lundi de l’histoire*”, na *France Culture*.

SH: Em que medida tais teorias e conceitos de Pierre Bourdieu fecundaram a reflexão histórica?

RC: Eu creio que existe uma dívida coletiva, mesmo para aqueles que pretendem negá-la. Seu conceito de prática permite pensar as lógicas escolares, isto é uma lógica do discurso e de sua prática no momento mesmo de sua produção. É um dado absolutamente fundamental

para a história cultural que se define justamente como uma história dos objetos, de produções e de práticas.

Bourdieu entrou em confronto com o estruturalismo mostrando que uma prática, que pode ser contraditória, inacabada, imediata, não pode estar encerrada neste modelo teórico que tenta dar conta dela. Trata-se então de restituir importância aos atores, sublinhando que, em cada um de nossos gestos, de nossos comportamentos, existe uma grande parte de não refletido, de automático e de não controlado. Pierre Bourdieu gostava muito dessa citação de Leibniz que diz que nós somos autômatos em 90% de nossas ações. Essa afirmação ilustra sua ideia de que a prática é engendrada por nossas estruturas pessoais, aquilo que ele designa de *habitus*, mas que ela não é redutível às categorias eruditas as quais, no entanto, é preciso empregar para dar conta da dimensão da prática.

O conceito de *campo*, que conhece agora uma utilização muito ampla, em particular na mídia, era também uma ideia fundamental. Se nós pensarmos o campo literário, artístico, filosófico, essa noção de campo cultural era uma maneira de resistir a dois modelos dominantes nos anos 60: o determinismo e o idealismo.

O determinismo sugeria que as posições sociais explicavam as tomadas de posição estéticas ou ideológicas. O conceito de *campo* ao contrário refere-se à existência de espaços sociais específicos nos quais os interesses, as hierarquias, as lutas assumem formas e investimentos particulares. Por isso todos aqueles que veem em Bourdieu a última encarnação do marxismo mais simplista não conhecem bem sua obra. O pensamento de Bourdieu se opõe justamente a esse determinismo redutor que faz com que uma criação estética ou um enunciado ideológico possam ser vinculados imediatamente a uma posição no mundo social. Cada criação, produção e/ou enunciados são construídos no âmbito de um espaço específico no qual, por exemplo, as origens sociais de um indivíduo são sempre traduzidas, deslocadas, transformadas em função de regras próprias do *campo*. Além disso, é este o significado de seu livro, *Les Règles de l'art*, um jogo de palavras que pretende mostrar que o campo artístico obedece a regras que não são aquelas que regem o mundo social ou econômico, podendo mesmo invertê-las.

Por outro lado, ele confrontou um pensamento idealista, aquilo que ele chamou “*os criadores incriados*”, o qual suporia que o gênio filosófico ou a produção literária seriam

subtraídos de toda forma de dependência, de condicionamento ou de determinação. A noção de *campo* permite mostrar que cada criação está ligada: a uma posição procurada ou adquirida nesse *campo*, ao capital cultural ou social próprio a cada um, a regras que governam a um dado momento a produção estética, tais como o mercado, o protecionismo, a arte pela arte...

SH: Como essas noções de *campo*, de prática e de *habitus* podem ser utilizadas pelos historiadores?

RC: Estas categorias podem ser postas em prática para compreender todas as sociedades da história. O grande risco é de utilizá-las mecanicamente. A sociologia de Bourdieu, assim como a herança de Durkheim, de Mauss ou de Norbert Elias consiste em um modo de compreensão do mundo social que não se define em função de uma cronologia e não se acha ligada apenas à compreensão do mundo contemporâneo.

Mas, como explica Bourdieu, que estudou, sobretudo, o campo literário do século XIX de Flaubert, é a partir de certo desenvolvimento no século XIX que se constitui um campo literário mais autônomo. Nos séculos XVI, XVII e XVIII, com os quais eu trabalho mais particularmente, este campo era muito mais dependente de gratificações e de pensões, muito mais imbricado com o poder real, o mecenato aristocrático, pois havia um grau de autonomia infinitamente menor. Mas o conceito é sempre operatório, mesmo se as realidades históricas que ele permite descrever são muito dinâmicas.

Os historiadores que trabalham sobre a literatura do século XVII puderam assim desencadear um debate para saber se a academia francesa, desde o momento em que foi criada, ou as diferentes formas disso que nós chamamos a “República das Letras”, representava uma primeira configuração de um campo distante do poder, ou se esta produção literária continuava inscrita no domínio do exercício da monarquia absolutista e do poder da aristocracia.

SH: O senhor pensa que Bourdieu se situa como prolongamento do trabalho de Norbert Elias, que descreveu a sociedade de corte como uma espécie de campo no seio do qual se operaram transformações que se difundiram em seguida em toda a sociedade do Antigo Regime?

RC: Bourdieu trabalhou muito, refinou e tornou mais complexas certas categorias que nós encontramos em Norbert Elias: os hábitos descritos por Elias se converteram em *habitus* com Bourdieu, e seu conceito de campo já havia sido esboçado por Elias quando ele falava de configurações sociais. Além disso, Bourdieu tinha uma relação de estima e de dívida em relação a ele. O primeiro texto de Elias traduzido em francês apareceu em sua revista, *Les Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Em *La Distinction*, encontramos numerosas citações de Elias a propósito, por exemplo, do modelo aristocrático, daquele da corte, etc.

Além do mais, foi Bourdieu quem convidou Elias, no crepúsculo de sua vida, a Paris, para uma conferência muito comovente no *Collège de France*. No momento em que Elias veio à França em 1933, ninguém – salvo um sociólogo da Escola Normal Superior, Célestin Bouglé – lhe deu atenção. Ao mesmo tempo, como Bourdieu disse nas *Méditations Pascaliennes*, muitos dos seus adversários quiseram negar a originalidade de sua abordagem, acusando-o de não fazer mais do que retomar conceitos de Norbert Elias.

No entanto, o conceito *habitus* de Bourdieu é infinitamente mais complexo do que em Elias. Para Bourdieu, o *habitus*, é o mundo social no indivíduo que faz com que as maneiras com que o indivíduo ordena e percebe o mundo social se apoiem sobre esta incorporação primeira. É uma concepção dialética na qual o *habitus* é, ao mesmo tempo, produto e produtor em função da posição de cada um: o *habitus* do filho de um nobre, por exemplo, difere daquele de um camponês. Para Bourdieu, o *habitus* é produzido no indivíduo por incorporações de uma dada ordem social, as quais ocorrem desde a primeira infância, sendo seguidas daquelas viabilizadas por instituições como a escola; e essa incorporação torna-se produtora de representações, de julgamentos, de classificações pelas quais cada palavra, cada prática, cada gesto é engendrado. Nada disso se encontra em Elias. Além disso, na formulação dessa noção de *habitus*, entendida como interiorização inconsciente do mundo social, ele também buscou inspiração na obra de Durkheim e Mauss.

SH: Para o senhor, em que a noção de *habitus* é útil ao historiador?

RC: Eu imagino que com não importa qual raciocínio, mesmo o mais potente, é preciso sempre manter certo grau de liberdade, de distanciamento e de apropriação. Mas a ideia de

habitus e o conceito de *campo* permitem um modo de pensamento relacional em História. Quando nós escrevemos uma biografia, quando fazemos a história de um gênero ou analisamos a história de uma obra, é preciso tentar situá-las no interior do espaço próprio da produção estética para compreender como elas se constituíram diferentemente.

No prólogo de *Don Quichotte*, Cervantes explica que ele escreveu um texto que é ao mesmo tempo contra a literatura aristocrática e contra a literatura erudita humanista. É bem por oposição a essas duas posições dominantes no mundo literário do século de ouro (século XVII) que o romance *Don Quichotte* converte-se em uma invenção radical. Ao compreender como essa obra se inscreveu em um tempo contra o qual ela foi formulada, podemos medir o grau de ruptura produzida pela obra de Cervantes e avaliar aquilo que foi uma verdadeira revolução estética.

É nisto que reside o valor heurístico e metodológico da obra de Bourdieu e que me parece essencial, para os historiadores da literatura, por exemplo.

SH: Além disso, Bourdieu era um grande admirador de *Don Quichotte*...

RC: Certamente. Ele o citava muito frequentemente. Para ele, *Don Quichotte* encarnava a sobrevivência de um *habitus* – desajustado, poderíamos dizer – em um mundo social que havia mudado. Se *Don Quichotte* tivesse vivido no período da cavalaria, ele teria sido um cavaleiro como os outros. Seu *habitus* cavaleiresco, constituído pela incorporação de um mundo social que era aquele de suas leituras, achava-se completamente defasado no mundo do absolutismo no qual a pequena nobreza estava completamente arruinada e tinha perdido todo o seu poder. Ele tornou-se assim um personagem ridículo e trágico.

Bourdieu adorava citá-lo porque ele o identificava com essa defasagem entre o mundo tal qual ele é e o mundo tal qual nós cremos que ele é.

Mas a leitura a mais profunda que sempre habitou Pierre Bourdieu era a de Pascal.

As formulações de Bourdieu nas *Méditations Pascaliennes* são sempre elaboradas a partir de categorias de Pascal. Pascal fala, por exemplo, de ordens de grandeza: aquela própria ao rei, aquela do homem de letras, aquela do sábio... Para Bourdieu, aquilo que é valorizado no campo político poderá ser depreciado no campo cultural. Os valores do campo cultural – a estima dos pares, o desinteresse aparente, o desprendimento em relação

ao mundo econômico... – produzem um espaço social totalmente inverso em relação àquele dos valores econômicos. Bourdieu via nessa distinção pascaliana entre ordens de grandeza estranhas umas às outras, um suporte para construir uma teoria das singularidades dos campos.

SH: Existe na França uma tradição secular de rivalidade entre a Sociologia e a História. Auguste Comte e Émile Durkheim queriam fazer da Sociologia a “ciência das ciências”. Mais tarde, Marc Bloch e Lucien Fèbvre, fundadores da *École des Annales*, reivindicaram tal *status* para a História. Qual era a posição de Bourdieu a esse respeito?

RC: A posição de Bourdieu em relação aos historiadores era muito ambivalente. Certos trabalhos históricos pareciam-lhe designar com acuidade os problemas que ele considerava como essenciais. A conceptualização de Georges Duby, por exemplo, sobre a divisão da sociedade medieval em três ordens – aquela dos que combatiam, a dos que rezavam e aquela dos que trabalhavam (*laboratores*) –, era um modelo de compreensão daquela sociedade ao qual Bourdieu era muito sensível, no sentido em que essa formalização de classificações sociais constituía uma caracterização fundamental das lutas sociais.

Por outro lado, ele parecia considerar que os historiadores não iam muito longe em seu esforço de conceptualização e ele não era complacente com certos deles. Para além dessas irritações pontuais era efetivamente presente em Bourdieu essa tradição na qual a sociologia francesa pensava a si mesma como um saber englobante que se construía contra certa História. Essa visão da Sociologia como saber dos saberes leva-nos a considerar que os modelos que ela propõe podem ser tão bem utilizados para estudar as sociedades primitivas (era o caso de Mauss), como a sociedade de seu tempo (como em Durkheim), ou o processo de longa duração histórica como em Elias (mesmo se este não pertence à tradição sociológica francesa, mas era como dissemos, próximo de Bourdieu). Para ele, efetivamente, a Sociologia não devia, como ele dizia, “furtar-se a estudar o presente”.

Então sua relação com a História era bem tensa, difícil. Isso se traduzia concretamente por relações extremamente difíceis, como com François Furet, por exemplo, a quem ele reprovava por pensar os fatos sociais unicamente em sua dimensão política. Ou ainda, outras vezes, por uma proximidade com certos historiadores como Robert Darnton,

Patrick Friedenson (especialista em história das empresas) ou como certos jovens historiadores que ele fez entrar no comitê de redação de *Actes de la Recherche*...

SH: O senhor vai constantemente aos Estados Unidos. Qual foi a recepção da obra de Pierre Bourdieu nesse país e sua influência sobre as Ciências Sociais americanas?

RC: A sociologia americana continua dominada por modelos quantitativos apoiados em grandes levantamentos estatísticos, com uma forte desconfiança em relação ao discurso conceitual que pareça distanciado de um valor instrumental. Majoritariamente, ela ignorou Bourdieu, salvo algumas exceções como na Universidade de Berkeley. Por outro lado, houve uma influência mais difusa de sua obra no campo da crítica literária e, sobretudo entre os antropólogos, assim como entre certos historiadores como Robert Darnton.

Notemos que o *New York Times*, que não tem por hábito mencionar intelectuais franceses, consagrou-lhe um artigo bem completo fazendo, ao referir-se a seus combates recentes contra a globalização, uma retomada da trajetória representada por sua obra. É o signo de uma presença pública que nós imaginamos menos forte nos Estados Unidos (onde ele não é conhecido a não ser nas esferas universitárias) do que na França. Eu gostaria de acrescentar que Pierre Bourdieu introduziu na cena intelectual francesa certo número de atores, em particular em sua coleção “*Le sens commun*”, nas edições de *Minuit*. Este foi o caso de Erwin Panofsky (*Architecture gothique et pensée scolastique* que constituía para Bourdieu uma formulação rudimentar, mas aguda do conceito de *habitus*); de Richard Hoggart com seu livro fundamental “A cultura do pobre”, maneira de lutar contra a ideologia espontânea dos *mass media*; ele também publicou a obra de Erwing Goffman e de Aaron Cicourel. Ele teve um papel de mediador para alguns autores que, de certa maneira encontram-se nas antípodas de sua obra. O que há de comum entre *La Distinction*, com sua pesada armadura teórica, e *La Mise en scène de la vie quotidienne* de Erwing Goffman?